

nova
escola

PENSADORES NEGROS



**Sueli
Carneiro**

**Feminismo
com olhar
racial**

Conheça a trajetória da filósofa e ativista que traz à tona em suas obras a realidade das mulheres negras

.....
Consciência
Negra
.....
... o ano inteiro ...

O que você vai encontrar neste e-book?

1. Introdução: Pensadores Negros _____ 03
2. Quem foi Sueli Carneiro? _____ 04
3. Feminismo que coloca a mulher negra no centro _____ 06
4. Para conhecer melhor _____ 08

1 Introdução

Ao longo do **Especial Consciência Negra o ano inteiro**, a coleção de e-books **Pensadores Negros** abordará a vida, a obra e as principais contribuições de mulheres e homens negros para o conhecimento. Diversa, mas longe de abarcar a totalidade e a potência do pensamento negro, a lista inclui da educadora e ativista norte-americana bell hooks ao escritor e abolicionista brasileiro Luiz Gama, passando por nomes como Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Lima Barreto e Achille Mbembe.

Neste e-book, você conhecerá a vida, a obra e as contribuições da filósofa, escritora e ativista antirracismo Sueli Carneiro.

2 Quem é Sueli Carneiro?

Raio X - Sueli Carneiro

Nasceu: São Paulo, em 24 de junho de 1950

Ocupação: filósofa e coordenadora executiva do Geledés - Instituto da Mulher Negra

Obras fundamentais: *Escritos de uma vida* (2019) e *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (2015)

Sueli Carneiro é mais uma das grandes vozes do movimento feminista negro brasileiro. Nascida na cidade de São Paulo, em 1950, a ativista, filósofa e escritora começou a refletir desde cedo sobre a influência do racismo. Filha mais velha de sete irmãos, cresceu orientada pelos seus pais sobre como a escola pode ser um espaço onde as pessoas negras são vítimas de preconceito de maneira dura e sentem na pele o que ela, mais tarde, chama de “o racismo mais perverso do mundo”.

A pensadora ingressou na faculdade em 1971, no curso de filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Foi a partir da vivência no ambiente universitário durante a ditadura que Sueli Carneiro começou a se aproximar e dialogar com o movimento negro e feminista. Em um dos seus textos mais emblemáticos, “Enegrecer o feminismo”, questiona a universalização da categoria

“mulher” na sociedade, trazendo foco para a necessidade de se reconhecer a existência da mulher negra.

Em 1988, Sueli Carneiro fundou junto com outras ativistas o Geledés - Instituto da Mulher Negra, uma organização que defende e propõe pautas que focam na realidade das mulheres negras. “Sempre pensei o que era ser mulher negra no contexto do feminismo branco hegemônico da época. E naquele momento eu entendia que nós tínhamos que construir uma concepção de feminismo extraída da nossa própria experiência, das nossas próprias tradições. O nome Geledés, por exemplo, vem dessa necessidade de demarcar a identidade de um feminismo de mulheres negras, que se sustenta na sua experiência histórica e nas suas tradições”, disse a pensadora, em entrevista à revista Cult em 2017, sobre a criação da organização, cujo nome se inspira em uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais lorubás. No mesmo ano, Sueli recebeu um convite para ser integrante do Conselho Nacional da Condição Feminina.

A FILÓSOFA
FOI UMA DAS
PRINCIPAIS VOZES
EM DEFESA
DAS COTAS
RACIAIS NAS
UNIVERSIDADES
BRASILEIRAS

Em 2010, durante os debates sobre o acesso da população negra à universidade, a filósofa foi uma das principais vozes em defesa das cotas raciais nas universidades brasileiras. Sueli defendeu a constitucionalidade da Lei de cotas em audiência pública no Supremo Tribunal Federal (STF), sendo uma peça fundamental no processo de defesa da medida.

Além da intensa atividade na militância feminista e negra, Sueli, que é doutora em Educação, tem uma vasta produção intelectual. Suas obras refletem sobre

as relações raciais e de gênero na sociedade brasileira e relacionam o ativismo com a reflexão teórica. Um dos seus livros, “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil” traz uma abordagem crítica dos comportamentos humanos e apresenta os principais avanços na superação das desigualdades criadas pela prática da discriminação racial.

3 Feminismo que coloca a mulher negra no centro

Ao se engajar no feminismo, Sueli promoveu significativos abalos ao movimento quando ela levantou a perspectiva racial. Na visão da pensadora, o feminismo negro nasce da percepção de que as mulheres negras padecem de desvantagens em relação aos demais segmentos sociais em função do impacto que a articulação entre o racismo, sexismo e classe social criam.

De acordo com Sueli, apesar de todos os esforços de luta das mulheres negras dentro do movimento feminista, elas não aproveitam dos mesmos resultados e benefícios das mulheres brancas. “Isso ocorre porque as conquistas alcançadas coletivamente pelas mulheres acabam privilegiando as mulheres brancas. Por outro lado, as conquistas alcançadas pelo movimento negro

PARA ELA, SER
MULHER NEGRA
NO BRASIL É
EXPERIMENTAR
UMA ASFIXIA
SOCIAL

terminam por privilegiar os homens negros em função do sexismo”, afirmou a filósofa em entrevista para a Fundação Tide Setubal.

Sueli faz a defesa de um feminismo que aponte essas desigualdades raciais e que reivindique políticas públicas para reverter o quadro. Para ela, ser mulher negra no Brasil é experimentar uma asfixia social. “A mulher negra é a síntese de suas opressões e de duas contradições essenciais: a opressão de gênero e a da raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Se a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras.”, diz a autora no livro “Escritos de uma vida”.

A pensadora e ativista sempre trouxe provações certeiras sobre as características do racismo e da branquitude brasileira. O racismo, na visão de Sueli, utiliza recursos que aprisionam as pessoas negras em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva aos grupos parcialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em toda sua diversidade.

Um dos principais pontos levantados pela filósofa em toda sua obra é a posição hipócrita da sociedade brasileira em fingir que não há racismo no Brasil. O reconhecimento do problema é fundamental para o seu enfrentamento. “A sociedade brasileira sempre preferiu fazer de conta que nós não tínhamos esses problemas. Isso só os agrava na medida em que cria um caldo de cultura de impunidade em relação às práticas criminosas de racismo, violência contra a mulher e homofobia”, comentou Sueli Carneiro em entrevista ao portal Geledés.

A produção de Sueli Carneiro possui grande relevância para o entendimento da sociedade brasileira. O seu pensamento promove reflexões profundas sobre a presença negra, principalmente das mulheres, em todas as esferas sociais do País. Mergulhando nos escritos de pensadores negros, como Sueli, é possível contruir sólidas bases para uma postura antirracista. Esse é o único jeito para se enfrentar a cultura de impunidade em relação às práticas criminosas de racismo, violência contra a mulher e homofobia que ocorrem no Brasil.

4 Para conhecer melhor: 3 obras de Sueli Carneiro



Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil

Selo Negro Edições, 192 págs., R\$ 22,00

A obra conta com artigos produzidos pela filósofa que foram publicados na imprensa brasileira. A coletânea apresenta os melhores textos escritos por Sueli entre 2001 e 2010. Neles, a autora convida o leitor a refletir criticamente sobre a sociedade brasileira, explicitando de forma contundente como o racismo e o sexismo têm estruturado as relações sociais, políticas e de gênero. Os artigos abordam temas fundamentais do pensamento da filósofa: a compreensão histórica e política da luta das mulheres negras brasileiras.



Escritos de uma vida

Editora Letramento, 290 págs., R\$ 42,00

O livro reúne alguns textos escritos por Sueli Carneiro ao longo de sua vida. Na obra, Sueli fala sobre gênero, raça e ascensão social, o poder feminino, tempo feminino, expectativas de ação das empresas para superar a discriminação racial, além de novos e velhos desafios do movimento negro no Brasil.



Mulher Negra

Coleção Cadernos Geledés, 41 págs., Disponível em PDF

Essa obra faz parte da coleção Cadernos Geledés e conta com três textos escritos por Sueli Carneiro de 1984 a 1988 ([acesse aqui](#)). O primeiro, “O Poder Feminino no Culto aos Orixás”, faz uma reflexão sobre os modelos femininos presentes na mitologia lorubá que são fontes de inspiração para as mulheres que enfrentam no seu dia a dia problemas semelhantes aos das suas ancestrais: problemas em relação à maternidade, à fertilidade ou infertilidade, à cumplicidade e parceria, bem como à desconfiança e traição entre mulheres; além das relações de cooperação, competição e disputa com o poder masculino.

No texto “Identidade Feminina”, a autora dialoga com o movimento feminista e questiona a ideia de uma identidade feminina homogênea para todas as mulheres. Já em “Resposta da Sociedade Civil à Violência Racial e de Gênero” Sueli analisa as formas de organização desenvolvidas pelo Movimento Negro e pelo Movimento Feminista, apontando para a necessidade de criatividade organizativa dentro do movimento.

nova

escola

Reportagem

DANIEL SANTOS

Edição

MIGUEL MARTINS

Revisão

ALI ONAISSI

Ilustração

YARA SANTOS

Diagramação

CARONTE DESIGN